



Artigo

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Um anônimo arquiteto no século XXI: Homenagem ao Professor Pasqualino Romano Magnavita

**VI Encontro dos Aposentados da
APUB¹**

Ariadne Moraes Silva

Universidade Federal da Bahia

¹ Nota dos Editores — Este texto remonta ao VI Encontro dos Aposentados da APUB, realizado em Salvador, em 7 de novembro de 2019, ocasião em que a professora Ariadne Moraes (FAUFBA) proferiu um discurso em homenagem ao professor Pasqualino Romano Magnavita. Naquele evento, a docente revisitou a trajetória daquele que foi seu professor e orientador na pós-graduação, gesto que motivou a transcrição aqui apresentada.

Um anônimo arquiteto no século XXI: Homenagem ao Professor Pasqualino Romano Magnavita. VI Encontro dos Aposentados da APUB.

Resumo:

Este texto reproduz o discurso da professora Ariadne Moraes (FAUFBA), proferido no VI Encontro dos Aposentados da APUB, realizado em Salvador em 07 de novembro de 2019, por ocasião da homenagem institucional ao professor Pasqualino Romano Magnavita, que foi seu orientador na pós-graduação. Revisita seis décadas de atuação, destacando sua presença contínua na UFBA, seu engajamento político e sua participação na criação ou no fortalecimento da FAUFBA, do IAB-BA, da APUB, do CEAB, do CECRE e do CEPUR. Ressaltam-se sua produção arquitetônica, artística e intelectual, seu pensamento rizomático e a defesa da criatividade, da coletividade e do anonimato como princípios ético-estéticos. A trajetória de Magnavita é associada ainda ao Mirante do Solar, em Itaparica, apresentado como espaço de cultura, formação e convivência, sublinhando o alcance de seu legado (Resumo elaborado pelos editores do Cadernos PPG-AU/FAUFBA).

Palavras-chave: Pasqualino Magnavita, homenagem, trajetória.

Un anónimo arquitecto en el siglo XXI — Homenaje al Profesor Pasqualino Romano Magnavita. VI Encuentro de Jubilados de la APUB.

Resumen:

Este texto reproduce el discurso de la profesora Ariadne Moraes (FAUFBA), pronunciado en el VI Encuentro de Jubilados de la APUB, realizado en Salvador el 7 de noviembre de 2019, durante el homenaje institucional al profesor Pasqualino Romano Magnavita, quien fue su orientador en el posgrado. El texto revisita seis décadas de actuación, destacando su presencia constante en la UFBA, su compromiso político y su participación en la creación o consolidación de la FAUFBA, del IAB-BA, de la APUB, del CEAB, del CECRE y del CEPUR. Se subrayan su producción arquitectónica, artística e intelectual, su pensamiento rizomático y la defensa de la creatividad, de la colectividad y del anonimato como principios ético-estéticos. La trayectoria de Magnavita también se vincula al Mirante do Solar, en Itaparica, presentado como un espacio de cultura, formación y convivencia, reforzando el alcance de su legado (Resumen elaborado por los editores de los Cadernos PPG-AU/FAUFBA).

Palabras clave: Pasqualino Magnavita, homenaje, trayectoria.

An anonymous architect in the 21st Century — Tribute to Professor Pasqualino Romano Magnavita. 6th APUB Retirees' Meeting.

Abstract:

This text reproduces the speech delivered by Professor Ariadne Moraes (FAUFBA) at the 6th APUB Retirees' Meeting, held in Salvador on November 7, 2019, during the institutional tribute to Professor Pasqualino Romano Magnavita, who had been her graduate advisor. The speech revisits six decades of his professional path, highlighting his continuous presence at UFBA, his political engagement, and his participation in the creation or consolidation of FAUFBA, IAB-BA, APUB, CEAB, CECRE, and CEPUR. His architectural, artistic, and intellectual production is emphasized, as well as his rhizomatic thought and his defense of creativity, collectivity, and anonymity as ethical-aesthetic principles. Magnavita's trajectory is also linked to the Mirante do Solar in Itaparica, presented as a space of culture, learning, and conviviality, underscoring the breadth of his legacy. (Abstract prepared by the editors of Cadernos PPG-AU/FAUFBA).

Keywords: Pasqualino Magnavita, tribute, trajectory.

Costumo dizer que Pasqualino, um anônimo arquiteto e docente do século XXI, como ele mesmo, recentemente, costuma se apresentar publicamente, é o mais jovem entre nós. Sua energia e vigor são impressionantes. Aos 90 anos de idade, completados no dia 21 de março de 2019, mesmo aposentado e morando há mais de 40 anos na Ilha de Itaparica, continua atravessando a Baía de Todos os Santos, semanalmente, para nos brindar com sua ilustre presença em sala de aula.

Esse luxo, poucas universidades no país têm. É um privilégio que só encontramos na UFBA.

Atualmente, ele integra o quadro docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, ministrando disciplinas no Mestrado e no Doutorado, orientando teses e dissertações, colaborando com grupos de pesquisa e participando de bancas examinadoras e comissões, intensamente. É Pesquisador 1A do CNPq e membro da Academia de Ciências do Estado da Bahia, desde 2011.

Vem desenvolvendo, em suas recentes pesquisas, aspectos conceituais e filosóficos da Arquitetura Contemporânea, na interface do pensamento rizomático – na Lógica da Diferença e da Multiplicidade, com ênfase nos processos da Micropolítica da Subjetivação (articulando a tríade poder/saber/subjetividade e a heterogênesse das três formas de pensar e criar: filosofia/ciência/arte), e evidenciando questões e problemas relacionados com a Criatividade e com o paradigma ético-estético na produção do pensamento contemporâneo.

Fundou a Casa de Cultura e Ética – Mirante do Solar, projeto criado e financiado com recursos próprios, com sede localizada na Ilha de Itaparica. Um centro cultural magnífico que abriga, em seu acervo, boa parte de sua coleção própria de desenhos, pinturas e esculturas. Funcionando desde mais ou menos 2014, o Mirante do Solar é um dos principais pontos de cultura e arte de Itaparica, abrigando apresentações artísticas, exposições, cursos, mostras de cinemas (através de um projeto chamado Cineclube, voltado para estudantes da rede pública de Itaparica), entre outras inúmeras atividades, sempre abertas ao público e gratuitas.

Bom, antes de falar do meu encontro com Pasqualino (uma aproximação que se deu em 2005, portanto uma amizade jovem e adolescente, de 14 anos de existência) e de levantar alguns detalhes de sua trajetória que considero mais relevantes, eu gostaria de evidenciar um aspecto que julgo fundamental nos tempos de hoje, que são os círculos afetivos que nos unem. Falar do outro é também falar de si, porque o outro nos habita

e vice-versa. Falar do outro é também evidenciar as relações que nos afetam, nos transformam, nos modificam e produzem corpos políticos, individuais e coletivos. Falar do outro é acender memórias e brincar com temporalidades. Falar de Pasqualino é uma tarefa leve e prazerosa. Alegre. A alegria (não estou falando de felicidade, é diferente) é uma das formas de resistência que não podemos permitir que seja capturada. Em poucos seres humanos eu encontrei tamanha alteridade, generosidade e empatia, além da elegância. Um mestre da vida. Além da atuação acadêmica e profissional, Pasqualino é um artista e um humanista. Coisa rara hoje em dia. A multiplicidade de expressões faz parte de sua própria trajetória, Pasqualino é atravessado por devires, linhas de fuga e desterritorializações e, muito claramente, segue habitado por legiões: arquiteto, dançarino, atleta, pintor, escultor, designer, filósofo, curador, cientista, engenheiro, escritor, ensaísta, conselheiro, provocador, pensador rizomático, professor, mestre. É um ser que muda todo tempo. Uma metamorfose ambulante. Michel Foucault já dizia: “não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo”. É assim que também vejo Pasqualino. Ao mesmo tempo um sujeito de uma simplicidade acolhedora, capaz de apreciar um delicioso sorvete na pracinha do Centro Histórico de Itaparica em frente ao mar, após um embate que envolve complexos conceitos filosóficos, nas inúmeras orientações e debates que compartilhamos juntos.

Pasqualino, uma rica e singular experiência de vida. Uma trajetória de diferentes dimensões. Formado em Engenharia Civil, em 1951, pela Escola Politécnica da UFBA. Sempre interessado pelo mundo das artes, participou do 1º Salão Baiano de Artes Plásticas em 1949. Em 1951, organizou o 1º Salão Universitário Brasileiro de Artes Plásticas no Instituto Histórico da Bahia, com apoio de Anísio Teixeira, então Secretário de Educação do Estado da Bahia.

Em 1952, seguiu à Roma para estudar Arquitetura. Uma Itália do pós-guerra e com grande efervescência política e cultural, sob a égide do pensamento historicista. Ao frequentar os cursos noturnos do Instituto Cultural Antônio Gramsci, local de orientação e divulgação do pensamento marxista, teve a oportunidade de adquirir uma formação política. Teve aulas com Galvano Della Volpe e Antonio Pesenti, cujos ensinamentos eram voltados a uma visão de mundo a partir de uma ética de afirmação dos direitos humanos. Em Veneza frequentou o Curso de Verão promovido pelo CIAM – Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna.

Seu primeiro prédio construído foi o Edifício Nossa Senhora de Loreto, localizado no bairro dos Barris — projetado em 1954 (com primeiros esboços realizados ainda na Itália) e concluído em 1966.

Por ironia do destino, em 1964, ele obtém o título de doutor em Arquitetura pela Universidade de Roma, mesmo ano do golpe militar no Brasil.

Bom, valer ressaltar que nesse ano de 2019 se comemora os 60 anos da Faculdade de Arquitetura da UFBA, oficialmente fundada no ano de 1959. Desde então, o anônimo arquiteto exerce a função de professor nessa instituição. São 60 anos de dedicação ao magistério superior.

Ou seja, a história de vida de Pasqualino Magnavita, arrisco afirmar, coexiste com a história dessa entidade — a APUB, com a história da criação da FAUFBA e, porque não dizer, com a própria história de lutas e resistências no Brasil do século XX!

Como sabemos, a democratização do país ocorreu com o fim da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1945, após um breve período de ditadura no Governo de Getúlio Vargas iniciado na década de 1930.

É nesse clima de pós-guerra, de uma visão social utópica e de melhores condições de vida para todos, que a juventude se encontrava atravessada por uma enorme energia e seguia motivada na implantação dessa utopia. Nesse cenário, se concretizou a criação da UNE – Unidade Nacional dos Estudantes, que passou a funcionar através de suas intensas atividades, com seu primeiro presidente eleito em 1939, onde uma de suas principais bandeiras era a luta contra o fascismo. Até que, com o golpe militar de 31 de março de 1964, a sede da UNE no Rio de Janeiro foi invadida e sua legalidade representativa retirada. Mesmo assim, até o Ato Institucional nº 5 (AI-5) de 13 de dezembro de 1968, a presença do movimento estudantil, sua força e seus objetivos de democratização do país se configuravam plenamente. A ditadura perseguiu, prendeu, torturou e executou centenas de brasileiros, muitos deles estudantes.

É justamente neste clima de luta e reivindicações que nasceu a corajosa resistência de uma prolongada greve de quase um ano, onde os estudantes do Departamento de Arquitetura da Escola de Belas Artes, Unidade de Ensino já incluída na Universidade Federal da Bahia, exigiram da Reitoria a criação da Faculdade de Arquitetura — e isso, em plena ascensão da Arquitetura Moderna em nosso país e na cidade de Salvador! A persistência do movimento grevista fez com que a Reitoria criasse a Faculdade de Arquitetura que, em 21 de outubro de 2019, como já explicitado, comemorou seus 60 anos de existência.

A primeira sede da FAUFBA se localizava em uma casa no Corredor da Vitória, próxima ao Museu de Arte da Bahia. A etapa seguinte foi consolidar essa conquista, tornando evidente a necessidade de um terreno e da construção de uma edificação que atendessem às necessidades didáticas e pedagógicas de uma escola de arquitetura.

Em 1963, finalmente com a compra de amplo terreno na Federação, localizado ao lado do Terreiro de Mãe Menininha do Gantois, foi iniciado o processo de construção do atual complexo que hoje se encontra a FAUFBA. Um lugar singular, com extraordinária vista para a mata atlântica e de onde se vislumbra, ao longe, o mar de Ondina. No período, enquanto se aguardava a conclusão do prédio principal, foram construídos seis barracões provisórios que funcionaram até o início da década de 1990, período em que eu entrei na graduação (1993-1998).

Vale ressaltar que o IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil, entidade fundada em 1921 e já com a seção Bahia presidida por Pasqualino Magnavita, em dois mandatos (1967-1969 e 1979-1981), vinha estimulando a realização de concursos públicos de projetos arquitetônicos e urbanos em todo o país, afirmando essa prática com o concurso para a sede da nova capital, Brasília, em 1956, tendo o plano piloto de Lúcio Costa como vencedor. Em 1963, é lançado o edital de concurso público para o projeto e execução da FAUFBA, porém tal concurso é suspenso e a tarefa de projetar a FAUFBA cabe ao professor e arquiteto Diógenes Rebouças, um dos expoentes da arquitetura moderna no Brasil.

Vale ressaltar, também, a vanguarda da FAUFBA no movimento estudantil e da intensa participação de arquitetos e arquitetas nos principais espaços e instituições políticas em que se discutiam a vida urbana e o direito à cidade. Por lá passaram: Maria de Salete Lacerda, Zezéu Ribeiro, Paulo Ormino, Benito Sarno, Edmilson Carvalho, Walter Gordilho, Maria José Malheiros (Zezé), Javier Alfaya, Ana Fernandes e até Lina Bo Bardi.

Pasqualino, então, como já foi dito, de espírito engajado e atuante politicamente, assume a presidência do IAB-BA, exatamente nesse período difícil para o país: sua primeira gestão segue de 1967 a 1969. É um dos fundadores, também, do Sindicato de Arquitetos da Bahia – SINARQ, de que foi presidente entre 1973 e 1977, em plena ditadura militar. Foi sempre um membro ativo da APUB, participando de mobilizações e atos, incluindo as recentes manifestações em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade. Vale destacar, ainda, sua atuação como membro do Comitê da União Nacional dos Arquitetos, entre 1969 e 1976.

Além da atuação política, a década de 1970 retrata um período importante de sua trajetória profissional. É impossível quantificar o número de projetos arquitetônicos em que Pasqualino se envolveu, produções de toda ordem: espaços comerciais e institucionais como bancos, hotéis, lojas, escritórios, escolas, centros tecnológicos, residências e inúmeros projetos de interiores e efêmeros — cenários para peças teatrais, presépios,

decorações carnavalescas, ilustrações, capas de livros, murais, cartazes de eventos, criação de mobiliários. Ele chegou a desenvolver o projeto de arquitetura de interiores do Palácio de Ondina, onde morava o governador da época, Lomanto Júnior. Vocês sabiam que Pasqualino foi proprietário de um restaurante – Don Pasquale, localizado na Avenida Joana Angélica, espaço que funcionou como um lugar de encontro de amigos, artistas e intelectuais lá pelos idos de 1966?

Nesse período, a universidade é motivada pela pesquisa. O CEAB – Centro de Estudos de Arquitetura na Bahia é instalado na FAUFBA, desde a sua criação, e culmina com a criação do CECRE – Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos, que teve grande repercussão nacional e internacional, particularmente na América Latina. Hoje, o CECRE se transformou em um Mestrado Profissional.

Professores e pesquisadores iniciam um vigoroso levantamento cadastral e de referências históricas de importantes edificações existentes no Estado da Bahia, obra monumental que, com o passar do tempo, resultou na publicação de seis volumes editados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC.

Outra área de pesquisa, visando à questão habitacional de interesse social, resultou da criação do NEHA – Núcleo de Estudos de Habitação, através de convênio assinado entre FAUFBA e o Banco Nacional de Habitação- BNH, através da COAHB - Companhia de Habitação Estadual.

Ainda no ano de 1976, foi realizado o 1º CEPUR – Curso de Especialização em Planejamento Urbano financiado pelo Banco do Nordeste e, no ano seguinte, realizou-se o 2º CEPUR. Vale salientar que tanto o CECRE quanto os cursos de planejamento urbano foram elementos decisivos para a criação do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, que ocorreu no ano de 1983 e, posteriormente, em 1999, a criação do Doutorado.

Todos esses sucessivos acontecimentos contaram com a participação direta do professor Pasqualino Magnavita em todas as etapas, desde a concepção até a implementação.

Em 1968, inicia seu projeto mais desafiador — sua casa em Itaparica, residência que já foi publicada em uma série de periódicos e revistas nacionais e internacionais. Hoje, faz parte do circuito turístico cultural da ilha, uma vez que se encontra contígua à Casa de Cultura e Ética Mirante do Solar. O projeto e a construção duraram 31 anos para ser finalizados, sendo concretizados em 2001. Até hoje, contudo, sofre sucessivas, embora pequenas, transformações. Sugiro que visitem!

Gostaria de destacar, aqui, as diversas residências unifamiliares projetadas e construídas na cidade de Salvador, até 2010. Muitas delas produzidas em parcerias com artistas plásticos, entre eles o maravilhoso Juarez Paraíso, seu amigo pessoal e também professor emérito da UFBA.

Essas residências possuem elevado valor arquitetônico e histórico que, juntamente com as obras dos arquitetos Assis Reis e Diógenes Rebouças, fizeram parte de um valioso acervo da produção da arquitetura moderna na cidade. Infelizmente, até 2008, cerca de oito delas já haviam sido destruídas em função da especulação imobiliária voraz praticada em Salvador. Hoje, não sabemos quantas resistiram. Essas edificações são demolidas sem que o arquiteto seja comunicado, revelando um processo perverso e de apagamento da nossa memória cultural.

Pasqualino é autor de projetos muito singulares, dentre eles o famigerado Palco Móvel do Pelourinho, projeto idealizado em 1992, da qual tive a honra de colaborar. Porém, apesar do projeto executivo ter sido todo detalhado e concluído em 2011, o equipamento não foi construído.

Pasqualino é colecionador de prêmios. Em 1994, criou a linha de móveis Axé Design — uma série de mobiliários e objetos de arte inspirados na cultura afro-baiana. Em 1998, foi agraciado com o II Prêmio Liceu Design, através do Liceu de Artes e Ofícios, com a criação da Cadeira de Oxóssi. Na ocasião, participou da Feira Internacional do Móvel em Milão. Em 1998, levou o 1º Prêmio Salão Regional de Artes Plástica: Instalação Urbana na Cidade de Itaparica, promovida pela Fundação Cultural do Estado da Bahia. Em 2000, venceu o Concurso Público Nacional de Requalificação da Praça Cayru, juntamente com outro colaborador, o arquiteto Luiz Antônio de Souza.

Entre 1991 e 1993, o professor Pasqualino ocupou o cargo de Pró-Reitor de Extensão da UFBA (na gestão de Eliana Azevedo) e, em 2000, recebeu o Colar de Ouro — prêmio máximo expedido pelo Conselho Superior do Instituto dos Arquitetos do Brasil. Em 2001, tornou-se Professor Emérito da UFBA, mesmo ano em que recebeu uma Placa-Homenagem pelo Cinquentenário de Exercício Profissional, expedida pelo CREA-BA. Em 2005, foi homenageado pela Câmara de Vereadores da Prefeitura Municipal de Salvador, pelo reconhecimento de sua contribuição profissional.

Realizou, dentre outras, uma incrível exposição, intitulada 60 anos de Desenho na Galeria Canizares, na Escola de Belas Artes da UFBA. Tratava-se de uma exposição com mais de 120 trabalhos de sua autoria, produzidos entre 1946 e 2006 — desenhos, pinturas, ilustrações —, com destaque para os espetaculares desenhos de diferentes cidades e

vilarejos pelas quais transitou em suas sucessivas viagens de estudos, no Brasil e no exterior. Entre fabulações, criações e representações da vida cotidiana dessas localidades, Pasqualino, muito generosamente, oferta cópias desses desenhos a todos os seus alunos, distribuindo-os ao final de cada semestre.

Bom, como o próprio Pasqualino costuma evidenciar, ao longo de seis décadas de ensino, três modos o tornaram singular: o modo de pensar, o modo de fazer e o modo de ensinar Arquitetura e Urbanismo. E, ao mesmo tempo, três conceitos, hoje, definem a sua trajetória: Anonimato, Coletividade e Criatividade. E, tudo isso, através de permanentes mudanças no modo de pensar, fazer e ensinar.

O princípio do anonimato adotado por Pasqualino é muito questionado, pois para o senso comum, e mesmo para o senso erudito acadêmico, nomear, citar nomes e pessoas, referenciar e idolatrar personalidades de reconhecido “sucesso” é fundamental — e isso, em atendimento a dois axiomas plenamente aceitos do atual modo de produção e que são considerados essenciais. O primeiro relaciona-se com o direito à propriedade privada que, em sua atualização discursiva do mundo da representação do Real e do Possível, expressa o direito de ter bens — não apenas ter bens materiais, como também evidenciar bens imateriais, inclusive a virtualidade do Eu como propriedade intelectual e de importante distinção social.

Nas atuais “Sociedades de Controle”, do atual capitalismo pós-industrial (ou, como nos coloca Peter Pal Pelbart, um capitalismo cognitivo e informacional que a tudo quer capturar), em que se constata o direito da preservação e da exaltação do Eu, e que promove o exponencial individualismo, associado ao desenfreado consumismo, que servem de orientação e exemplo para serem cultuados e imitados. Justamente por isso, se evidencia o segundo axioma, o qual consolida o primeiro, justificando a necessidade de sua incontestável atuação e exigência: a Competição.

Diferente dessa relação, vem emergindo a necessidade da desconstrução desses axiomas e, talvez, a afirmação de novos: o axioma do Nós e o axioma da Cooperação. Esse tem sido um dos principais ensinamentos de Pasqualino nos últimos anos. Logo ele, um sujeito brilhante, elegante, inteligentíssimo, uma celebridade para nós, pobres mortais...

Ou seja, a desconstrução gradual do Eu e da Competição, e a exaltação do Nós e da Cooperação, levando à valorização das atividades coletivas e, portanto, à emergência do anonimato. Talvez o anonimato se estabeleça como uma resistência sutil em uma sociedade da era digital regida pela superexposição das redes sociais.

Vive-se, hoje, em uma virada do espaço-tempo da informação. Vivemos imersos em dispositivos de comunicação e registros tecnológicos. Tudo é mapeado: na biologia, na

política, nos negócios, nos programas de computador, nos transportes, na música, nas comunicações jornalísticas, no ambiente, na paisagem, nas redes sociais. Tudo nos chega na forma de dados, através de agências digitais, projeções dinâmicas e processualidades interativas. Fluxos de toda ordem.

A arquitetura contemporânea quer ser vista. Os arquitetos divulgam suas obras e seus processos em todos os canais possíveis de comunicação, sejam analógicos ou digitais. Há uma superexposição, um panóptico digital que a tudo captura, potencializa a imagem e a veicula. Potência midiática editada. Profusão de hiper-realidade, manipulação, simulação e photoshop! Os selfies são os espelhos da era digital!

Nosso querido amigo anônimo, sempre na vanguarda, é contra tudo isso e, ao mesmo tempo, segue coexistindo com tudo isso, apresentando outras pistas de existência, entre o macro e o micro.

Penso que não há como destruir (por enquanto) a dialética do mundo da objetivação, mas há como reconhecer as suas contribuições (princípios e leis), e também suas limitações e alcances, privilegiando a micropolítica da subjetivação — o lugar da criatividade. A antidisciplina, a partir do entendimento que todo infrator é um criador (como nos releva Nietzsche), a promoção de rupturas, subversões ou, simplesmente, suspensão de representações — é, talvez, uma das pistas para a potência da própria vida, nessa interface surfada pelo nosso querido anônimo.

O acúmulo de experiências, aqui, rapidamente e sinteticamente compartilhadas com todos vocês, um rastro da vida de “Pasqua” — como carinhosamente costumamos nos referir a ele —, marcado nesse pequeno espaço de tempo, configura-se como ética e estética enquanto atitudes políticas. Essas experiências apontam a afirmação da diferença e da arte de viver face aos dispositivos do consenso e da manutenção de poderes instituídos.

A fronteira da equivalência entre o real e o fictício desenrola-se no mundo e comporta-se como arte. Todo tipo de experiência sensível, presente em um filme, numa escrita, numa pintura ou num traço arquitetural desdobra-se em uma rede que o artista estabelece entre ele, o mundo e a vida. A arquitetura, assim como uma escrita ou uma música, pode se configurar como uma máquina de guerra ou de resistência criativa, mesmo em tempos duros. É preciso resistir, mas resistir criando, como sempre nos repete nosso querido arquiteto anônimo do século XXI.

Andar em bandos, resistir à violência da cronopolítica, invadir a cidade, tomar os lugares, criar movimentações, ocupar todas as brechas, estabelecer círculos de afetos, trabalhar de forma colaborativa, através de políticas de cooperação. Se possível, com muita arte e força criativa.

Potente, precioso e incansável. Belo, belíssimo. Habita nesse corpo uma máquina de guerra.

Ele me despertou para um novo modo de pensar e instigou uma visão de mundo muito mais ampliada. Lembrei de uma antiga canção popular: “feliz de quem penetre o teu mistério ... como a alma sem corpo, sem vestes, como encadernação vistosa feita para iletrados, o homem se enfeita, mas ele é um livro ... e somente a alguns a que tal graça se consente é dado lê-lo”.

Nosso profundo respeito e reconhecimento.

Viva a vida!

Recebido em: 29/11/2024

Aceito em: 21/11/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v14i0.71139

Como citar: SILVA, Ariadne Moraes. Um anônimo arquiteto no século XXI: Homenagem ao Professor Pasqualino Romano Magnavita. VI Encontro dos Aposentados da APUB. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 14, n. 1, p. 133-144, 2025.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL